

SIGNIFICAÇÕES SOBRE A MASCULINIDADE NA INFÂNCIA: Uma Pesquisa a partir da Psicologia Histórico-Cultural

Amom Santos Souza¹
Carmem Virginia Moraes da Silva²

RESUMO: A Teoria Histórico-Cultural se disseminou no Brasil a partir da década de 1980, estabelecendo-se e expandindo-se principalmente nas áreas da educação e da Psicologia Social. No entanto, as produções que utilizam esse referencial ainda são deficitárias ao tratar de temas como gênero, raça e sexualidade. Dessa forma, partindo do materialismo histórico-dialético e da proposta de análise, os núcleos de significações, apresentamos neste texto, um projeto de pesquisa que busca, por meio das significações produzidas por familiares e professoras(es), compreender o processo de generificação de meninos conquistenses.

Palavras-chave: Teoria Histórico-Cultural; Psicologia Histórico-Cultural; Infância; Criança; Masculinidades.

ABSTRACT: The Historical-Cultural Theory began to spread in Brazil in the 1980s, establishing and expanding primarily in the fields of education and Social Psychology. However, works that utilize this framework remain limited when addressing themes such as gender, race, and sexuality. Thus, based on historical-dialectical materialism and the proposal for analyzing meaning core, this text presents a research project that seeks to understand the process of gendering boys from Conquista through the meanings produced by family members and teachers.

Keywords: Historical-Cultural Theory; Historical-Cultural Psychology; Childhood; Children; Masculinities.

INTRODUÇÃO

O presente texto busca apresentar um projeto de pesquisa em andamento que procura conhecer o processo de generificação de sujeitos objetivados e subjetivados como meninos. A pesquisa intenta investigar e analisar significações que orientam a prática educativa escolar e familiar no que tange a generificação de meninos inseridos na educação formal conquistense. Além disso, busca-se conhecer os sentidos e significados de familiares e professores sobre gênero, masculinidade, sexualidade e infância. A mesma tem como embasamento a Teoria Histórico-Cultural (THC) e o materialismo histórico-dialético, compreendendo que há, em termos de pesquisa e produções, um déficit na articulação da THC com questões de gênero, sexualidade e raça (Asbarh; Souza; Barroco; 2023).

METODOLOGIA

A pesquisa, de caráter qualitativo, tem como método, o materialismo histórico-dialético

¹ Graduando em bacharelado e licenciatura em Psicologia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *campus* Vitória da Conquista, Bahia. E-mail: amonsouza09@gmail.com

² PhD em Psicologia, Professora Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *campus* Vitória da Conquista, Bahia. E-mail: carmem.virginia@uesb.edu.br

(MHD), visando conhecer as significações que atravessam o processo de generificação de crianças em meninos. Ao partir do MHD, compreendemos que a realidade se dá de forma dialética, ou seja, rica, contraditória e sempre em movimento e que sua apreensão deve se dar em sua totalidade. Além disso, a compreensão da "matéria" mobilizada nessa perspectiva é a relação estabelecida dos seres humanos uns com os outros e esses com a natureza (Penã, 2015). Ademais, essas relações sociais são a fonte do desenvolvimento humano, sua força motriz (Delari Jr., 2010), essencial para o processo de hominização.

A compreensão de sentido e significado aqui mobilizada é calcada nos pressupostos vigotskianos. Para Vigotski, sentido e significado são formados na materialidade das relações sociais e estas estão localizadas em um determinado contexto histórico em uma relação de mediação (Kahhale et al., 2022). Para acessar esses sentidos e significados, as significações, pretende-se utilizar de entrevistas semi-estruturadas voltadas para responsáveis e para professores de crianças da Educação Infantil e da Educação Fundamental I de escolas públicas da cidade de Vitória da Conquista, visando conhecer os sentidos e significados atribuídos pelos entrevistados às categorias de gênero, masculinidade, sexualidade e infância.

Por fim, procura-se utilizar como procedimento de análise e interpretação de dados produzidos, a proposta dos núcleos de significação. A mesma propõe que a apropriação dessas significações pelo pesquisador necessita ser feita por meio das mediações sócio-históricas que determinam as significações produzidas, como unidades dialéticas da fala e do pensamento. Para isso, busca-se conhecer as relações, qualidades e contradições do sujeito (Aguiar; Soares; Machado, 2015).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Psicologia Histórico-Cultural compreende que nos individualizamos por meio do outro, sendo a diferença uma outra face da identidade (Saffioti, 1997). Vigotski, partindo da alegoria de Pedro e Paulo, exposta por Marx e Engels, demonstra esse processo, apontando que quando Paulo diz sobre Pedro que o mesmo é tão homem quanto ele, ele o reconhece como semelhante e a si próprio como homem (Delari Jr., 2013). Vigotski defende que ao estabelecermos relações com os outros, assumimos papéis diante desses sujeitos, ao passo que assumimos papéis diante de nós, sendo que esse processo é mediado pela linguagem, constituída e constitutiva nas/das relações sociais (Delari Jr., 2013).

A linguagem é um produto histórico, um produto das relações sociais. Ela faz a mediação dessas relações sociais e as reproduz, no conjunto de seus significados, reproduz também a ideologia do grupo dominante e suas manifestações específicas em seu grupo social. É nesse

processo que ocorre a "naturalização" dos fatos sociais, a alienação; a inversão do que é humano, social e histórico, como natural (Lane, 1989). Nesse âmbito, as palavras assumem lugar relevante na constituição dos papéis, pois é por meio da mediação da palavra como palavra e na palavra que os papéis dos outros vão se configurando diante de nós e solicitando nosso possível lugar diante deles (Delari Jr., 2013). O ser humano só se posiciona como indivíduo na trama das relações sociais, sendo o indivíduo um desdobramento dessas relações que se configuram como atividade significativa concreta, dinâmica e contraditória.

Segundo Saffioti (1997) sujeito e objeto não existem de forma independente da atividade, sendo que é por meio dela que ocorrem a subjetivação e a objetivação, duas faces de um mesmo processo. É importante salientar que o processo de subjetivação-objetivação está condicionando os sujeitos à capacidade-incapacidade de se apropriar dos produtos da práxis humana, visto que a sociedade brasileira, dividida por classe, é atravessada também por contradições de raça e gênero, sendo esses três antagonismos entrelaçados de modo a formar um nó.

Gênero é compreendido por Connell e Pearse (2015) como uma estrutura social, multi-dimensional. Para essas autoras, a produção do gênero tem um caráter autoral, ou seja, fazemos o nosso próprio gênero, mas mediados pelos contornos, as possibilidades de ação delimitados pela estrutura de gênero que está sempre articulada com as demais formas de opressão (Connell; Pearse, 2015). Nesse âmbito, a família e a escola são importantes agentes articuladores dessa estrutura de gênero. Lane (1994) aponta que a família atribui características físicas, de interesse, significadas como do homem e da mulher.

A masculinidade como um dos desdobramentos possíveis dessa estrutura de gênero sobre os indivíduos, é entendida por Kimmel (2016) como uma aprovação homosocial dominada pelo medo. O conceito de Casa-dos-homens (Welzer-Lang, 2001), neste âmbito, descreve que a educação de meninos em ambientes monossexuados, estrutura o masculino, criando a ideia de que para ser "homem de verdade", deve-se combater aspectos que os associam às mulheres. Essa lógica cria entre meninos um tipo de polícia de gênero, vigiando e punindo possíveis indícios do feminino ou afeminado nos pares. Deste modo, o autor pontua que a homofobia é um princípio organizador da masculinidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a partir do que foi exposto, compreendendo a família e escola não como os únicos agentes, mas como instituições importantes que atuam no processo de generificação, pretende-se conhecer quais significados que orientam a práticas educativas generificadas no âmbito familiar e escolar.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, W. M. J. DE.; SOARES, J. R.; MACHADO, V. C. Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. *Cadernos de Pesquisa*, v. 45, n. 155, p. 56–75, jan. 2015.

ASBAHR, F. da. S. F.; SOUZA, M. P. R. de.; BARROCO, S. M. S. Psicologia Histórico-Cultural no Brasil: Um panorama a partir dos grupos de pesquisa no diretório do CNPq. In: ASBAHR, F. da. S. F.(org.). *Teoria histórico-cultural no Brasil: grupos de pesquisa e desenvolvimento histórico*. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2023. p. 36-62.

CONNELL, R.; PEARSE, R. *Gênero: uma perspectiva global*. [1ª ed.]. São Paulo: nVersos, 2015.

DELARI JUNIOR, A. *Vigotski: consciência, linguagem e subjetividade*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2013.

DELARI JR., A. *Questões de método em Lev Vigotski: busca da verdade e caminhos da cognição*. Umuarama: Estação Mir – arquivos digitais, 2010.

KAHHALE, E. M. S. P.; MONTREOZOL, J. R.; COSTA, C. M. A. da.; ZANATELI, T. R. SENTIDO E SIGNIFICADO NA TEORIA SOCIO-HISTÓRICA. In: MOREIRA, M. I. C.; SOUSA, S. M. G. (org.). *Psicologia Socio-Histórica: bases epistemológicas, categorias fundamentais e intervenções psicossociais*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2022. p. 207-218.

KIMMELL, M. S. Masculinidade como homofobia: Medo, vergonha e silêncio na construção de identidade de gênero. *Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*, [S. l.], v. 3, n. 4, p. 97–124, 2016.

LANE, S. T. M. Consciência/alienação: a ideologia no nível individual. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (orgs.) *Psicologia Social: O Homem em Movimento*. [8ª ed.]. São Paulo, SP: editora brasiliense, 1989. p. 40-47

LANE, S. *O que é psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PEÑA, M. *O que é o marxismo? Notas de iniciação marxista*. [1. reimpr.]. São Paulo: Sunderman, 2015. 112p.

SAFFIOTI, H. Violência de gênero: o lugar da práxis na construção da subjetividade. *Lutas Sociais*, [S. l.], n. 2, p. 59–79, 1997. DOI: 10.23925/ls.v0i2.18789.

WELZER-LANG, D.. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, p. 460–482, 2001.